

COMO CITAR ESTE TEXTO:

Formato Documento Eletrônico (ISO)

NASCIMENTO, Alexandre do. **Os Cursos Pré-Vestibulares Populares**. [Acesso em dd/mm/aaaa]. Disponível em <http://www.alexandrenascimento.com>.

OS CURSOS PRÉ-VESTIBULARES POPULARES

Alexandre do Nascimento

A democratização das relações sociais no Brasil é um processo historicamente relacionado à capacidade de luta e de organização da sociedade. Diante da diversidade de problemas e das questões que se apresentam como desafios para a construção de uma sociedade justa e democrática, e diante da negação de direitos e oportunidades para parcelas significativas da população brasileira (o que acontece desde a colonização e atinge preferencialmente alguns grupos sociais, como os negros e índios), organizaram-se e continuam organizando-se vários movimentos sociais.

Nesse processo histórico de construção, ainda inconclusa, a luta para que as classes populares e os grupos sociais marginalizados tenham de fato o direito a educação formal não é uma novidade no Brasil. Ao longo da nossa história, sobretudo a partir do século XX, vários movimentos sociais se organizaram para lutar pelo direito à escolarização. Esse é o caso dos cursos pré-vestibulares organizados para preparar estudantes oriundos de classes populares e grupos sociais marginalizados para os vestibulares.

Esses cursos pré-vestibulares, que denominamos *de Cursos Pré-Vestibulares Populares*, são iniciativas educacionais de entidades diversas, de trabalhadores em educação e de grupos comunitários, destinados a uma parcela da população que é colocada em situação de desvantagem pela situação de pobreza que lhe é imposta.

Um dado importante é que na maioria dos cursos pré-vestibulares populares há preocupações que vão além da preparação para o vestibular. Trata-se de preocupações políticas, que se explicitam nos discursos dos seus participantes, nas propostas e nas práticas dos cursos, que vão desde atividades desenvolvidas em sala de aula visando a construção de uma nova consciência em seus educandos (consciência racial, de gênero, de classe, dos problemas sociais, etc.), passando por seminários, fóruns de discussões, assembleias, negociação de isenções e bolsas com universidades, ações judiciais,

formulação de propostas para facilitar o acesso e a permanência de estudantes das classes populares no ensino superior e democratizar a educação e o acesso ao conhecimento. Destaca-se nesse contexto os cursos pré-vestibulares populares que trabalham os temas do racismo, do preconceito e da discriminação racial, os chamados *cursos pré-vestibulares para negros e carentes*, que constituem uma rede de cursos populares na região metropolitana do Estado do Rio de Janeiro.

Podemos dizer que as preocupações e práticas além do ensino para o vestibular indicam a compreensão de que as desigualdades sociais e raciais na educação em geral e no ensino superior em particular, são mais que falta de preparo para o vestibular. O processo de formação da sociedade brasileira mostra que essas desigualdades são, sobretudo, determinadas por uma espécie de *lógica de exclusão* presente das relações sociais. Essa lógica de exclusão, além das relações de classes possui um componente fundamental para sua elucidação: o racismo, o preconceito e a discriminação.

Entretanto, o trabalho dos cursos pré-vestibulares populares indica, também, a insistência dos setores subalternizados da sociedade em acreditar que há razões para prosseguir lutando por cidadania, por igualdade racial e social, pelo respeito à diferença e à diversidade, por uma outra sociedade e pela vida.

Em outro trabalho, denominamos de populares "*os grupos sociais que vivem em condições impostas de exploração, dominação, discriminação, esmagamento de identidade e negação de direitos fundamentais, como o direito ao trabalho, terra, moradia, remuneração digna, cuidados com saúde, acesso à educação formal, reconhecimento cultural e participação política, com destaque para a população negra, que entre outros problemas ainda enfrenta o que nos parece um fator decisivo de bloqueio à sua participação na sociedade: a discriminação racial*" (NASCIMENTO, 1999).

Entretanto, apesar das dificuldades que são impostas, é no seio das classes e grupos populares que surgem as formas mais criativas de luta, de participação política e atitudes coletivas capazes de levar à construção de dinâmicas sociais cooperativas. Formas de enfrentamento de problemas que nos permite visualizar o novo, como a criação de cursos pré-vestibulares. Essa é uma outra característica do que denominamos de *setores populares*. Por isso, denominamos esses cursos de *Cursos Pré-Vestibulares Populares*.

Esse tipo de luta popular aparece ainda durante o período de ditadura militar. Algumas experiências se constituíram nos anos 70 e 80. Mas é na década de 90 que o trabalho popular de preparação para o vestibular, numa perspectiva transformadora, emancipatória e instituinte ganhou força e se popularizou.

Utilizando-se do ensino dos conteúdos exigidos nos Vestibulares, os Cursos Pré-Vestibulares Populares conseguem mobilizar um grande número de estudantes atraídos pela possibilidade de ingresso no ensino superior, especialmente nas universidades públicas cujos vestibulares são verdadeiras barreiras ao ingresso de estudantes de classes populares. Além disso, a dinâmica interna nas universidades públicas, concebidas para estudantes brancos e de classes privilegiadas, dificulta muito a permanência dos estudantes de classes populares: são horários, currículos, materiais e professores que excluem.

Algumas possibilidades podem ser pensadas além do ensino para o vestibular. Uma delas é o desenvolvimento de atividades de elevação de auto-estima, construção de identidade e formação política, como retomada do que nos anos 70 era chamado de Conscientização, Reflexão Crítica ou Socialização de Saber (SADER,1988). Os cursos pré-vestibulares populares podem operar como fontes de informação e aprendizado de conhecimentos históricos, culturais e políticos.

Outra possibilidade é a articulação de entidades, comunidades, educadores e educandos na defesa da educação pública, na discussão dos problemas enfrentados, na construção de propostas, na pressão sobre partidos políticos e governos, tendo em vista a democratização da educação em todos os seus aspectos: ampliação de oportunidades, financiamento, currículo e pedagogia. É importante que, num processo desse tipo sejam considerados os elementos econômicos, políticos, históricos, raciais e culturais que determinam o atual modelo de desenvolvimento e, mais especificamente, as políticas educacionais, sobretudo a partir dos anos 90.

Histórico dos Cursos Pré-Vestibulares Populares no Rio de Janeiro

No Rio de Janeiro, a construção de cursos pré-vestibulares comunitários não é um fato novo. Temos, por exemplo, registro de um curso pré-vestibular para negros e negras, organizado pelo Centro de Estudos Brasil África, em 1976. Entretanto, neste trabalho estamos considerando as experiências que foram referências para a popularização da proposta de curso pré-vestibular popular na década de 1990.

Em 1986, Associação dos Trabalhadores em Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro – ASUFRJ (atual Sindicato dos Trabalhadores em educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro - SINTUFRJ) cria o projeto *Universidade para Trabalhadores* e, dentro desse projeto, surge um curso pré-vestibular.

A fim de alargar o campo de atuação do movimento, integrando-o à discussão dos rumos da universidade, da educação e da cultura, o projeto Universidade para os Trabalhadores propõe-se a contribuir para a formação educacional e cultural dos funcionários da URFJ e seus dependentes, dos trabalhadores sindicalizados e de moradores das comunidades populares, através de três sub-projetos: a) Curso Pré-Vestibular; b) Curso de Alfabetização e Supletivo 1º e 2º Graus; c) Curso de Formação Sindical e Cultural. (SINTUFRJ, 1996).

Para atender aos objetivos do projeto *Universidade para os Trabalhadores*, o Curso Pré-Vestibular do SINTUFRJ incorporou em seus conteúdos, estudos básicos sobre política, economia e sociedade, na perspectiva de contribuir para o melhor e mais crítico entendimento da realidade social. *"Desde seu início, o Pré-Vestibular vem se mostrando uma experiência repleta de desafios pedagógicos e políticos, que se refletem na tentativa de construir, em um ano, uma prática pedagógica que desenvolva uma consciência crítica e, ao mesmo tempo, prepare os alunos para os exames vestibulares(...) No plano político, abrimos um espaço de debate e reflexão da prática social dos alunos-trabalhadores, que busca contribuir para a formação de uma consciência de classe fundamental na vida social e na futura trajetória universitária dos nossos alunos (...) A ação política também vem se materializando em nosso fazer pedagógico, através do domínio crítico dos conteúdos transmitidos e da relação professor aluno. Objetivamos que o aluno ocupe o papel de sujeito(...)" (SINTUFRJ, 1989).*

Em 1992 é criada a Associação Mangueira Vestibulares para atender aos estudantes da Comunidade do Morro da Mangueira, no Município do Rio de Janeiro. O Mangueira Vestibulares também apresenta preocupação com desenvolvimento de uma espécie de *pedagogia emancipadora*, por considerar os cursos tradicionais como meros treinamentos. Dado o seu caráter comunitário, a Associação Mangueira Vestibulares tem uma atuação política diferente do Curso Pré-Vestibular do SINTUFRJ, que tem uma preocupação claramente classista.

Também em 1992, é fundado na Bahia um Curso Pré-Vestibular para preparar estudantes negros para os exames vestibulares. Esse curso denominou-se Cooperativa Steve Biko, em homenagem ao líder Sul Africano, morto pelo apartheid. Esse curso se apresenta como uma forma de combate ao racismo e como afirmação de identidade. Mesmo não sendo uma experiência surgida no Rio de Janeiro, a Cooperativa Educacional Steve Biko teve grande influência, foi uma importante referência para o surgimento de outros cursos populares.

Em 1993 surge o Curso Pré-Vestibular para Negros e Carentes na Baixada Fluminense, estado do Rio de Janeiro. Este curso foi o ponto de partida para o que mais tarde transformou-se no Movimento de Cursos Pré-Vestibulares para Negros e Carentes (PVNC). O PVNC inaugurou uma nova fase no trabalho popular de preparação de estudantes para o vestibular, trazendo em sua luta o debate sobre a questão da discriminação racial como uma questão social de grande relevância, pois está relacionada à produção da pobreza, da exclusão social e é um dos principais elementos para a serem considerados para o entendimento dos motivos da baixa quantidade de estudantes negros nas universidades brasileiras, especialmente nas universidades públicas.

Além disso, o PVNC publicizou suas propostas, o que incentivou ex-alunos, entidades e grupos diversos a criarem novos cursos para negros e carentes. Essa estratégia contribuiu bastante para que o PVNC se tornasse a experiência mais expressiva de Pré-Vestibular Popular, o que motivou a criação de outros cursos populares no Rio de Janeiro e até mesmo em outros Estados.

O Movimento de Cursos Pré-Vestibulares Para Negros e Carentes

O Movimento de Cursos Pré-Vestibulares para Negros e Carentes (PVNC), surgiu na Baixada Fluminense, Estado do Rio de Janeiro, por iniciativa de um grupo de educadores incomodados e descontentes com as dificuldades de acesso ao ensino superior, principalmente dos estudantes de grupos populares e discriminados. Visando ainda a articulação de setores excluídos, o PVNC também se propõe desenvolver uma luta ampla pela democratização educação e contra a discriminação racial.

A igreja católica teve um importante papel pra a criação do PVNC. A proposta de criação do nasceu na igreja católica, a partir das reflexões sobre a educação e o negro, realizadas entre 1989 e 1992, na Pastoral do Negro de São Paulo.

O primeiro resultado concreto desse debate foi a concessão de 200 bolsas de estudos pela PUC-SP. Essas bolsas foram destinadas para estudantes participantes do movimento negro. Também neste período (1992), surgiu na Bahia a *Cooperativa Steve Biko*, com objetivo de apoiar e articular a juventude negra da periferia de Salvador, colaborando para a entrada de jovens na Universidade.

As 200 bolsas de estudos concedidas pela PUC-SP fizeram surgir, no Rio de Janeiro, a idéia de organizar um curso para estudantes negros. No final de 1992, iniciaram-se, na Igreja da Matriz do Município de São João de Meriti, as discussões e articulações para a organização de um curso na Baixada Fluminense, para capacitar estudantes para o vestibular da PUC-SP e das Universidades Públicas do Estado do Rio de Janeiro. Foram, também, importantes referências outras duas as experiências populares de ensino pré-vestibular: o Curso Pré-Vestibular da Associação dos Funcionários da UFRJ e o Mangueira Vestibulares.

A proposta se sustentava em duas constatações: em primeiro lugar, a péssima qualidade do ensino médio na Baixada Fluminense, que praticamente elimina as possibilidades de acesso do estudante da região - que é constituída em sua maioria por uma população economicamente desfavorecida e negra - ao ensino superior. Em segundo lugar, o baixo percentual de estudantes negros nas universidades (menos de 5% dos estudantes).

O grupo que iniciou a articulação para a formação do curso era composto por professores de ensino médio e militantes dos grupos católicos de Agentes de Pastoral Negros (APN) e do Grupo de Reflexão sobre Negros e Indígenas (GRENI). Este grupo iniciou os contatos com outros professores, buscou escolas que pudessem ceder uma sala para a realização das aulas, bem como realizaram o trabalho de divulgação e reuniões com os primeiros alunos interessados. A partir desses contatos o grupo foi se ampliando, a idéia começou a se materializar e em junho de 1993 iniciaram-se as aulas do curso. A esse curso foi dado o nome de *Curso Pré-Vestibular para Negros e Carentes*.

A partir de 1994, com o sucesso e repercussão do trabalho realizado em 1993 - que obteve 34% de aprovados para a UERJ, UFRJ, UFF e PUC-RJ - outros grupos (entidades populares, entidades do movimento negro, igrejas, educadores e ex-alunos) organizaram novos núcleos do Curso Pré-Vestibular para Negros e Carentes. "(...) 1994 foi um ano fundamental para o PVNC. Foi um ano de crescimento, de adesão de novos

grupos, de novos núcleos, de muitas articulações, debates, conflitos e criação de novos espaços de debates e deliberações coletivas: A Assembléia Geral, as equipes de reflexão racial e pedagógica, o Jornal, as aulas de Cultura e Cidadania. Em 1993 foi lançado a semente, mas 1994 o ano de constituição do PVNC (...)" (PVNC, 1998).

No final de 1994, o PVNC contava com mais de 20 núcleos. Desde então vários núcleos foram criados. Em 1995, foi criado o Conselho Geral, que se reúne mensalmente com o objetivo de articular os cursos em torno de objetivos comuns. Muitos dos mais dos 150 cursos existentes hoje no Estado do Rio de Janeiro foram criados a partir do trabalho do PVNC. Desses cursos, 35 fazem parte do Conselho Geral do PVNC, que é a instância coletiva que organiza o movimento.